

Antonieta Dias de Moraes: Da Política à Literatura

Antonieta Dias de Moraes: From Politics to Literature

Ivanildes Regina de MENEZES

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Vera Lucia CÓSCIA

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Luzia Sigoli Fernandes COSTA

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

RESUMO: A vida pós-moderna agregou mudanças inevitáveis nos modos de viver e pensar da sociedade e, em velocidade alucinante, esquecer o passado tem se tornado comum. Há 31 anos, encerrou-se o regime militar no Brasil, contudo, ainda convivemos com os reflexos daquela época. Diante das condições inerentes à pós-modernidade, e que favorecem o gradual esquecimento do passado, refletir sobre o período ditatorial brasileiro mostra-se pertinente. Foi nesse período que a escritora Antonieta Dias de Moraes publicou livros no exterior e, posteriormente, no Brasil, em sua maioria com temáticas sociais. Diante do desassossego causado pelos “anos de chumbo” e da relevância de seus textos surge, então, a necessidade de discorrer sobre o livro *Tonico e o Segredo de Estado*, no qual as entrelinhas tornam possível identificar o contexto histórico representado por crianças em busca de condições de vida mais justas.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura Militar Brasileira. Antonieta Dias de Moraes. *Tonico e o Segredo de Estado*.

ABSTRACT: Postmodern life added changes in society’s way of living and thinking. In an environment where change is inevitable and occurs at breakneck speed, forgetting the past is very common. Military regime ended in Brazil 31 years ago, however, we still live with the consequences of that period. Even with post-modernity inherent conditions that enables gradual forgetting of the past, reflecting about the Brazilian dictatorship period is quite relevant. During Brazilian military dictatorship Antonieta Dias de Moraes published several books abroad, later also published in Brazil, mostly with social issues. In the face of the disquiet caused by the heavy years and the relevance of Antonieta texts, emerged the need of discussing her book *Tonico e o Segredo de Estado* in which, reading between the lines, it is possible to identify the historical context represented by children looking for fairer living conditions.

KEYWORDS: Brazilian Military Dictatorship. Antonieta Dias de Moraes. *Tonico e o Segredo de Estado*.

Introdução

Nosso cotidiano tem sido povoado por milhares de informações transmitidas em uma velocidade alucinante e que podem ser responsáveis em grande parte pelo gradual desinteresse pelo passado manifestado em variadas instâncias (BAUMAN, 1995). No entanto, no campo da Literatura, os anos de 1970 têm se colocado como fonte de estudo para pesquisadores ávidos a decifrar os enigmas que rondaram essa época tão obscura;

Recebido em 04 de setembro de 2015.

Aprovado em 15 de novembro de 2015.

talvez parte da atração por esse período derive das condições históricas e políticas, o que não se nega, porém, é que mesmo por debaixo das amarras militares houve nessa década grande efervescência cultural e a produção de obras literárias fortemente engajadas. (PELLEGRINI, 1996)

Os Estudos Literários de cunho historiográfico que enfocam especificamente objetos inscritos ao longo das décadas de 1960 e 1980 têm se mostrado como valiosa fonte para pesquisadores ávidos por compreender paradoxos que rondaram essa época sombria na história nacional, desde o início até o ápice ainda mais violento da ditadura militar abrangendo, ainda, o que se convencionou denominar como período de “abertura” política depois de terminado o regime autoritário.

Não há dúvida que parte dessa atração é proveniente das condições históricas e políticas que marcaram esse período trágico de nosso país, deixando cicatrizes em toda a população devido aos assassinatos e torturas até os dias de hoje sem justiça plena; todavia, no universo das produções culturais, se por um lado a imposição da censura acirrada cerceou a liberdade de expressão, por outro lado, abriu o horizonte das subversões artísticas à ordem imposta, não sem consequências para artistas e público unidos na resistência ao regime.

No ano em que comemoramos 31 anos do encerramento da ditadura militar brasileira, cujo marco é a Abertura Política iniciada em 1985, discursar sobre uma escritora consciente das consequências desse período para toda a sociedade a ponto de transcriar elementos que remetem, por exemplo, ao militarismo da ditadura em sua obra para crianças e jovens torna-se uma tarefa desafiadora. Quando a escritora em questão é Antonieta Dias de Moraes (figura 1), ainda hoje praticamente desconhecida do público brasileiro, este trabalho adquire uma responsabilidade hercúlea de resgate e divulgação de seu nome e obra “esquecidos” e, assim, somados ao silêncio imputado a

Figura 1: Antonieta Dias de Moraes em 1967 aos 52 anos

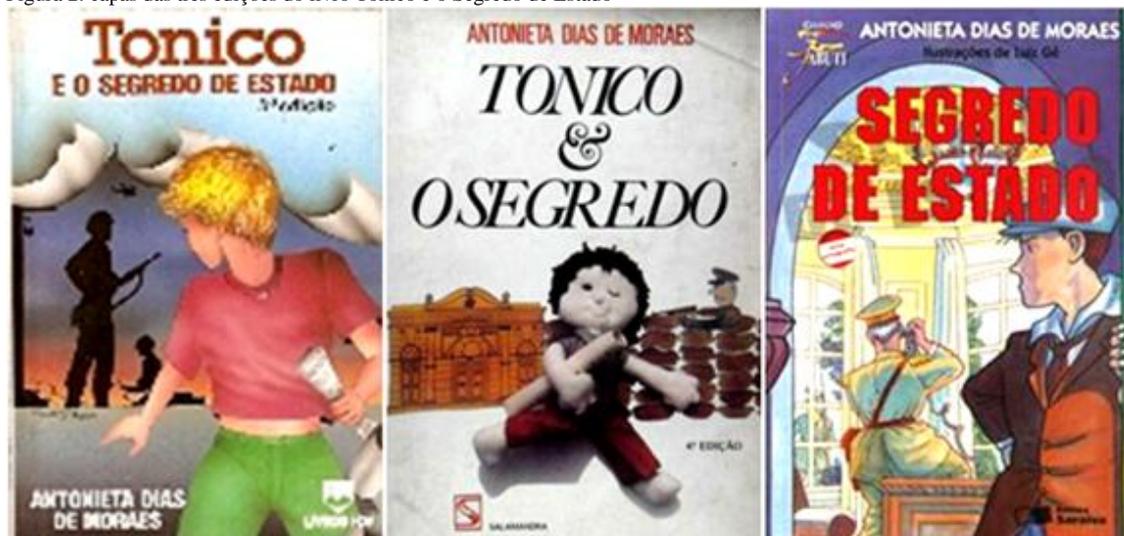


Fonte: Fundo Antonieta Dias de Moraes

tantos outros artistas brasileiros que tiveram a possibilidade de seu sucesso no país sufocado pelo regime militar.

Antonieta Dias de Moraes começou sua carreira como escritora no ano de 1948 com a publicação de livros de poesia, mas foi no exterior, já fortemente influenciada por Monteiro Lobato, que sua obra alcançou maior sucesso. Um dos livros mais importantes e de maior reverberação no meio literário é a obra infanto-juvenil, publicada em 1974, *Tonico e o Segredo de Estado* (Figura 2), ganhador do prêmio Nacional da Espanha no ano de 1982, publicado com dois outros nomes, quais sejam: *Tonico e o Segredo* (1980) e *Segredo de Estado* (1998). Muito embora tenha a autora sido laureada com outros prêmios por suas obras no exterior, no Brasil houve pouco reconhecimento da sua contribuição para a literatura do país.

Figura 2: capas das três edições do livro *Tonico e o Segredo de Estado*



Fonte: Fundo Antonieta Dias de Moraes

A articulação entre discurso literário e contexto social é elemento indispensável para a compreensão de uma obra literária, de maneira que a função social do escritor, então, é a de revelar ao leitor o seu mundo, a sociedade na qual está inserido. Esse trabalho nem sempre é fácil, sobretudo ao considerarmos que a escrita literária é, em certa medida, condicionada pelo ambiente social em que está inserida, ou seja, escrever uma obra literária em um contexto em que a liberdade de expressão é cerceada mostra-se uma tarefa bastante árdua. (PELLEGRINI, 1996)

O objetivo dessa produção é mapear o contexto histórico em torno da escritora Antonieta Dias de Moraes, analisando as influências deste em seu livro. A análise

partirá do texto ficcional intitulado *Tonico e o Segredo de Estado* (1974) com o intuito de levantar aspectos essenciais para a compreensão do contexto no qual se inscreve. Acredita-se que para esta tarefa a análise pela categoria narrativa do *personagem* dará ao trabalho uma visão ampla do reflexo dos acontecimentos externos à obra, pois, em *Tonico e o Segredo de Estado*, tais personagens foram cuidadosamente elaborados como representação da realidade, cumprindo com êxito esse papel. Além disso, a teoria bakhtiniana sobre as ideologias sociais será um aporte importante no entendimento da relação inevitável entre texto e contexto.

1. Da obscuridade política à efervescência cultural

Para o historiador Caio Prado Jr., o golpe militar de 1964 foi fruto da velha tradição do “arranjo político” que, desde o período da Independência do Brasil, marcou o tipo de poder exercido pelas ditas classes superiores brasileiras. Prado assegura, ainda, que a principal característica do poder dominante brasileiro foi a sistemática exclusão das classes subalternas das tomadas de decisão política sobre o futuro de sua própria sociedade. (PRADO JR., 1991)

De acordo com o sociólogo Hélio Jaguaribe, o quadro institucional que configurou o regime militar brasileiro foi marcado por um conjunto de normas e medidas, explícitas e implicitamente orientadas no sentido da exclusão seletiva de qualquer forma apreciável de poder ou influência dos intelectuais, da Igreja e dos grupos organizados de estudantes, trabalhadores e representantes autônomos de setores e interesses populares, ou seja, de quaisquer núcleos capazes de constituir um centro de aglutinação de formas efetivas de oposição ao regime. (JAGUARIBE, 1974)

Para Ortiz, sociólogo e escritor, o movimento cultural pós 64 se caracterizou por duas vertentes não excludentes: por um lado, a repressão ideológica e política; por outro, o momento da história brasileira em que mais foram produzidos e difundidos os bens culturais. De maneira intrigante, o período da ditadura militar brasileira foi simultaneamente sombrio ao extremo nos aspectos políticos e terminantemente brilhante no que diz respeito às produções culturais. Controversa ou não, esta foi a situação vivenciada pelo Brasil nos anos em que os militares se mantiveram no poder. (ORTIZ, 1998)

A pesquisadora Pellegrini afirma que, por trás da sombra do período da ditadura militar brasileira, delineiam-se hoje alguns contornos, quando um já relativo distanciamento temporal permite ver tudo com olhos um pouco menos perplexos. Passados mais de 50 anos do Golpe Militar contra a democracia brasileira alguns acontecimentos daquela época continuam emblemáticos e dignos de atenta observação. A censura, por exemplo, como instrumento moderador determinante das produções artísticas do Brasil militarizado evidencia-se, sem dúvida, como um estigma perpétuo e incessantemente motivador de estudos. (PELLEGRINI, 1996)

Em 1964, o regime militar foi instaurado no Brasil. De acordo com Schwarz, o povo brasileiro, na ocasião do golpe, mobilizado, mas sem armas e organização própria, assistiu passivamente à troca de governo. Apesar da dominação política de direita, a cultura brasileira da época passou a ser majoritariamente esquerdista e o golpe militar criou condições para que movimentos culturais utilizassem a arte como instrumento político de conscientização e politização. Obviamente, a liberdade na escrita era adquirida à força, uma vez que o Ato Institucional nº. 5, por exemplo, viabilizou a repressão violenta das expressões artísticas, levando a que tais manifestações sobreviventes à censura precisassem driblar ou contar com o descuido desse veículo de repressão para entrarem em circulação. (SCHWARZ, 1978)

Para o filósofo Mikhail Bakhtin, uma obra de arte se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época, uma vez que sua plenitude somente se revela no grande tempo. Nesse sentido, não é mais possível identificarmos o escritor como dono e detentor absoluto do dizer poético de sua autoria. Não há no discurso poético, portanto, uma única voz, pois, ao contrário, há nele a contaminação irremediável de um mundo alheio ao universo composicional do autor. O mundo real constitui, assim, a obra de ficção, fazendo ecoar na história as vozes que habitam o mundo do escritor. (BAKHTIN, 2003)

No campo da linguagem, Bakhtin discutiu questões relacionadas à ideologia inerentes ao discurso. A ideologia, por Bakhtin, compõe a sociedade em dois níveis, quais sejam: a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano. A ideologia oficial, utilizando como exemplo um regime totalitário, é marcada por um Estado absoluto que domina todos os setores da sociedade, enquanto que a ideologia do cotidiano se constitui do conhecimento tradicional transmitido nas vozes do dia a dia. No cenário

brasileiro ditatorial, por exemplo, identificamos a ideologia do cotidiano no discurso dos estudantes, dos artistas e escritores que, de alguma forma, buscavam atingir e modificar a ideologia oficial. Sobre as ideologias oficial e do cotidiano, Bakhtin afirma que:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois fora dela, morrem (...)]. (BAKHTIN, 2006, p.119)

Segundo Dalcastagnè, poucas vezes se acreditou tanto no poder da palavra como naqueles anos que precederam o golpe militar de 1964. A eficácia revolucionária do discurso artístico foi sentida pelos intelectuais de esquerda do país, que se apropriaram deste recurso a fim de promover a denúncia sobre as arbitrariedades do regime. (DALCASTAGNÈ, 1996)

No contexto da ditadura militar brasileira, considerando a teoria bakhtiniana, é possível identificarmos a *ideologia oficial* nos dizeres dos oficiais militares e dos cidadãos de concepções tradicionais. Para a classe dominada, vozes da *ideologia do cotidiano*, e insatisfeita com as condições de vida da década de 70, restava somente tentar se infiltrar na ideologia oficial por meio da palavra, muitas vezes da palavra cifrada, fragmentada para que a censura não os calasse. A ideologia oficial alimenta sua posição por meio de discursos que contaminam a ideologia do cotidiano, enfraquecendo-a. Entretanto, mesmo que menos frequente, defender o discurso da resistência pode abalar a ideologia oficial.

Para Dalcastagnè, durante o período da ditadura militar brasileira o medo silenciou muitas vozes, tornando inaudível a voz de outros tantos, o que destruiu argumentos, desordenou ideias e maculou de vergonha os pensamentos. Tal medo criou códigos que transformaram a escrita estabelecendo novas regras sobre *o que* devia ser dito e *como* devia ser dito. Mas o medo não foi o único legado às novas gerações, pois como herança àqueles que ainda não estavam lá restou uma incrível e inestimável capacidade de resistência diante dos que apostavam no acovardamento das ideias e na mediocrização da arte. Nesse rol Dalcastagnè insere a música, o teatro, a poesia e,

enfim, as artes que não se deixaram calar somadas aos romances, íntegros e firmes, que repetiam incessantemente a história de um tempo em que o homem teve medo, um medo pelo qual não se deixou derrotar. (DALCASTAGNÈ, 1996)

Partir do pressuposto de que há uma multiplicidade de vozes no discurso literário implica em revelar o estilo composicional contagiado pelos contextos histórico e social de uma época. Não há uma obra, portanto, absolutamente produzida somente pelo engajamento do artista, pois o descomprometimento da obra é inevitável. A arte, enquanto voltada à obra, só pode ser desengajada seja pela alteridade, pela autonomia, pela realização da obra em relação ao próprio autor, pela sua capacidade de ultrapassar as fronteiras histórico-biográficas e histórico-sociais nas quais foi produzida, seja pelo excedente da obra. (PONZIO, 2013)

2. Antonieta Dias de Moraes nas entrelinhas e as desventuras de Tônico

*Quebrei os grilões que me traziam presa a ti,
Corri para a praça do mundo, cantando,
gritando em alto:
- Estou liberta. Posso caminhar, posso chorar,
posso dormir...
Antonieta Dias de Moraes*

Antonieta Dias de Moraes nasceu em 16 de fevereiro 1915 em Santos, SP e faleceu em 4 abril 1999, em São Paulo, SP. Filha de José Dias de Moraes e Maria Antonieta de Cerqueira Moraes, teve cinco irmãos dos quais quatro eram mais novos do que ela. Casou-se nos anos de 1932 com Alberico Marques da Silva com quem teve três filhos: Helena, Reynaldo e Roberto, que lhe deram seis netos. Posteriormente divorciou-se de Alberico, viajando para a Europa onde consolidou sua carreira como escritora. Atualmente, seus netos Marcelo de Paula Santos Filho e Heloisa de Paula Santos são detentores dos direitos autorais da escritora.

Em 1948, Antonieta iniciou no Brasil sua carreira como escritora com a publicação do livro de poesia *Gota no Rio*. Publicou mais de cinquenta títulos no Brasil sendo *Tônico e o Segredo de Estado*, publicado originalmente em 1974 e ganhador do Prêmio Nacional da Espanha em 1982, um dos mais importantes. A autora foi laureada por outros prêmios no exterior devido às suas obras, mas no Brasil houve pouco reconhecimento da sua contribuição para a literatura nacional. Alguns de seus livros foram destaque no exterior e posteriormente no Brasil, quais sejam: *Três garotos na*

Amazônia (1974), *Contos e lendas de índios do Brasil: para crianças* (1979), *Magaroa, a ilha sem dono* (1983), *A violência na literatura infantil e juvenil* (1984), *O velho da praça* (1988), *Juramento Sobre Punhal* (1988), *Urubu queria ser passarinho* (1990), *Aonde vai, Serelepe?* (1996), *Jornal falado: poesia* (1998), entre outros.

Antonieta aderiu aos ideais comunistas nos anos de 1950, fato que certamente contribuiu para o desconhecimento de sua obra no Brasil. Considerando, então, o período do regime ditatorial brasileiro, somos levados a crer que a escritora teve seu sucesso no país igualmente afetado pela repressão, sobretudo se considerarmos que no campo da literatura poucos foram os artistas engajados que conseguiram publicar seus trabalhos no Brasil sem que adotassem estratégias para driblar a censura de então (PELLEGRINI, 1996). Com Antonieta a situação não foi diferente e, iniciada a ditadura militar no país, a escritora partiu para o exterior vivendo por 20 anos entre França, Argentina e Itália. Nesse tempo, para que pudesse ver seu livro *Tonico e o Segredo de Estado* nas livrarias brasileiras precisou metaforizar personagens, espaços e situações da narrativa.

Tonico e o Segredo de Estado narra a história de um grupo de crianças em plena Revolta Paulista no ano de 1924. A *Revolução Esquecida*, como ficou conhecida, sitiou a cidade de São Paulo no que foi o maior conflito bélico já presenciado em terras paulistas contra a República Velha e em defesa de reformas políticas e sociais como a instituição do voto secreto em oposição ao “voto de cabresto” praticado então e do ensino público para toda a população. Deflagrada em 5 de julho de 1924, quando a primeira revolta tenentista dos “18 do Forte de Copacabana” completava 2 anos, a revolta paulista ocupou as ruas da cidade por 23 dias, deixando um saldo superior a 500 mortos. (VICENTINO, 1997).

Nesse contexto, Tonico, o protagonista de *Tonico e o Segredo de Estado*, surge como um jovem dono de uma personalidade forte responsável por ele vivenciar diversas aventuras ao lado dos seus amigos na cidade de São Paulo sitiada por tropas do governo legalista defensor da estrutura da República Velha que entrava em confronto com os militares de baixa patente que, revoltosos, exigiam do governo a justiça e o fim da corrupção. Na narrativa de Antonieta o menino, com bravura e perspicácia, junto a seus amigos e amigas dará valiosas contribuições aos membros da média oficialidade das Tropas do Exército e Força Pública que, nos acontecimentos da história oficial, foram

derrotados pelo Governo Federal de Artur Bernardes com bombardeios aéreos que levaram o terror aos cidadãos paulistanos, sobretudo aos que viviam nos bairros operários da cidade e demonstravam apoio aos tenentes revoltosos (VICENTINO, 1997).

Apreendida à luz da repressão ditatorial, tal obra de Antonieta Dias de Moraes denota um enredo composto por crianças em busca de condições de vida mais justas o que, em suas entrelinhas, torna possível identificarmos o contexto histórico representado no livro de ficção – a Revolta Paulista de 1924 – com o momento de dura repressão militar, censura e incansável resistência popular vivido pelo país durante a ditadura militar das décadas de 1960 a 1980.

Tonico e o Segredo de Estado mostra-se como uma obra fortemente marcada por temáticas sociais. Com linguagem bastante singela, narra as aventuras de um grupo de crianças durante uma suposta revolução que não é datada em nenhum momento na obra, embora alguns elementos nos levem a perceber que o livro pode estar se referindo à Revolução Paulista de 1924, visto que Antonieta coloca em evidência a parcela marginalizada da sociedade, lançando luz aos seus problemas, às suas lutas e às suas reivindicações.

Tonico, personagem principal da obra, foi criado por Antonieta como personagem dotado de todas as características que o aproximam do ideal de herói atuante numa revolução:

Um dos menores da turma, não em idade, em tamanho. Tinha doze anos, mas parecia ter dez, porém com boas pernas e pés plantados no chão. Podia andar muito sem se cansar. Era ligeiro, ágil e habilidoso. Subia em muros e árvores com incrível facilidade, daí o seu apelido, o Gato. Por todas essas qualidades e uma virtude, fora escolhido para servir de ligação entre a turma de garotos e os revoltosos. (MORAES, 1998, p. 8).

É possível identificar na elaboração da personalidade desse personagem a tendência de apoio à igualdade social da escritora, que imprime no menino o desejo de mudança dos jovens da época. A evidenciação da massa marginalizada da sociedade, os seus problemas, as suas lutas e suas reivindicações são inseridas nesta obra através da figuração do enredo em um bairro operário. Deduzimos que se tratasse da Revolução de 1924, mas, como dito anteriormente, a escritora estrategicamente não deixa clara tal

informação. O discurso do Velho na praça traz marcas do contexto ao qual nas entrelinhas Antonieta faz referência:

Velho da praça: Era uma vez, conheci um país grande, bonito que só vendo: praias brancas, mar azul, rios sem conta, florestas como não existem mais... Faz tempo! Era um país muito rico, tinha minas de ouro e prata. (...) Mas, nesse país havia um monstro-dragão que comia tudo e roubava tudo, e todo mundo tinha medo dele. Ninguém nunca via o monstro, mas sabia que estava em toda parte: o seu corpo de dragão era feito de pedaços que se juntavam e separavam-se quando queriam. E cada pedaço era um bandido armado até os dentes, vestidos de verde, com máscaras de gafanhoto (MORAES, 1998, p.28).

De acordo com a citação acima, não é difícil perceber que mesmo se referindo a outro tempo histórico Antonieta denuncia o que ocorre na sua época. Os símbolos usados pela escritora, que aparentemente fazem parte do universo infantil, encobrem verdades e problemas do mundo dos adultos, de maneira que a mensagem central do livro é a de que o povo não deve deixar-se destruir pela passividade, sabendo reconhecer seus verdadeiros inimigos e dragões.

Embora considerado um livro de literatura infanto-juvenil, *Tonico e o Segredo de Estado* evidencia-se intimamente como uma obra destinada a leitores maduros e atentos ao cenário político do Brasil da década de 1970. O enredo aparentemente simples, desde o princípio revela-se instigante e recheado de conflitos complexos associados ao contexto em que foi produzido.

Toda a trajetória do enredo é marcada pelo conflito entre Seu Armando e Tonico, pai e filho que travam uma batalha ideológica que inevitavelmente abala essa relação essencialmente fraternal. O pai proíbe o filho de se posicionar diante da revolução instalada nas ruas, revelando traços autoritários ancorados na ideia de que Tonico lhe deve obediência incondicional. Este, por sua vez, possui opinião própria que independe do pai. O embate ideológico entre eles é elucidado desde o início do livro:

Seu Armando: Tonico, você que já saiu hoje, soube de alguma novidade?

Tonico: Não. Parece que está tudo no mesmo. As legalistas entraram na cidade pela estrada do norte; estão atacando os morros, e os nossos...

Seu Armando: Que nossos nada! Não fale assim, diga os revoltosos... (MORAES, 1998, p. 10)

Seu Armando se recusa a aceitar que o filho simpatize com os ideais revolucionários, pois acredita que os rebeldes perderiam a causa e não queria ver seu filho ao lado dos perdedores, além de crer que a turma de Tônico era formada por desocupados e desordeiros, como mostra o exemplo que segue:

Seu Armando: Vocês são uma turma de garotos sem juízo, e meia dúzia de vagabundos.

Tônico: Vagabundos não, pai. É tudo gente que trabalha, e são os pais dos meus amigos da turma.

Seu Armando: Olhe aqui! Pare com essa história de andar com eles, já avisei! Os revoltosos vão perder e eu não quero me meter em nada. Não sei nem por que estão atirando uns nos outros... Matando gente à toa. Eu quero viver em paz.

Tônico: Não é assim, pai.

Seu Armando: Não é assim? Você se atreve a desmentir seu pai?
(MORAES, 1998, p. 11)

Na década de 1970, qualquer movimentação contrária ao regime vigente era considerada ato subversivo, punido severamente, o que, na narrativa, reverbera nas diversas vezes em que Tônico é punido pelo pai por apoiar os revolucionários. Tônico era como o avô, não suportava conviver com injustiças e lutou ao lado de seus amigos pelo fim da repressão armada nas ruas, pela liberdade dos cidadãos. O pai de Tônico pode ser caracterizado, assim, como um personagem essencialmente inseguro e confuso, como a grande parte da população brasileira ao longo dos anos da ditadura militar. Possuía muita dificuldade em se definir diante dos acontecimentos, almejando “viver em paz” ou, em outras palavras, alienar-se, motivo porque expressava opinião oscilante sobre a revolução, na maioria das vezes preferindo nem ter opinião, sendo essa a postura dirigida ao filho a quem ele exigia total obediência:

Era um homem tímido e desconfiado. Não acreditava em ninguém. Antes, achava que todo mundo era ruim; que toda gente só queria se aproveitar dele. Agora, de repente, parecia que não era assim. Havia amizade, havia boa vontade no mundo. Sofrera muito nos últimos dias, com receio de que sucedesse alguma desgraça a Tônico. Muita coisa acontecerá que abalará sua vida tranquila de antes; o dia todo fechado em casa, trabalhando *Será que a revolta... Será que uma revolução mexe tanto assim com a gente?*

(MORAES, 1998, p. 137)

Tônico não era um menino desocupado e desordeiro como pensava o seu pai e, aos poucos, Seu Armando se conscientizou disso. No livro, Antonieta não subverte

totalmente os princípios da ordem, permitindo que o menino tenha uma postura diante do pai e outra diante do mundo. Assim, o filho deve respeito e obediência ao pai, mas deve ser autônomo na construção dos seus ideais. Ao ser colocado de castigo pelo pai, por exemplo, Tónico não se permite desobedecer, não desrespeita o pai e permanece no castigo até que seja liberado. Não é surpresa que o livro colabore com a manutenção da hierarquia de pai e filho, considerando que se trata de uma obra de literatura infanto-juvenil, porém, a liberdade dada ao menino para elaborar sua opinião sobre o mundo torna evidente a preocupação da escritora em criar princípios sociais em seus pequenos leitores.

Outro personagem de destaque na trama é Seu Manoel, dono de uma padaria e pai de Manoelzinho, amigo de Tónico. Seu Manoel apresenta características opressoras e é dono de uma personalidade reacionária, muito comum na década de 1970. Trata-se de um personagem “tóxico” que consegue, por exemplo, “contaminar” o pai de Tónico com seus ideais antiliberais. Manoelzinho, por sua vez, apresenta características que se contrapõem às de Tónico. Enquanto este é forte e decidido, Manoelzinho é fraco, confuso e facilmente oprimido. Em um diálogo entre Tónico e Manoelzinho é possível identificar os pensamentos do dominado, pois Manoelzinho acreditava que poderia comprar o afeto das pessoas uma vez que era incapaz de cativa-las por suas qualidades:

Manoelzinho: Olha Gato, eu quero lhe dizer que quando eu for dono da padaria pode falar para a turma que eu vou dar pão de graça para eles todos os dias, até pão doce, e aí, eu pago...

Tónico: Você é bobo, Maricota! Não é o dinheiro. A turma também não vai querer o seu pão de graça, nem nada. Você pensa que tudo se arranja com dinheiro?

Manoelzinho: É que eu não tenho amigos... Você quer ser meu amigo? (MOARES, 1998, p.16)

É de forma traumática que Manoelzinho aprenderá a valorizar a sua liberdade para vencer o medo da solidão. Inúmeras vezes utilizou-se de métodos questionáveis para cativar amigos e ser aceito pelo grupo de Tónico, no entanto, o menino medroso era motivo de pena por parte dos colegas por não compreender que a amizade é algo que se conquista.

As desventuras de Tónico terminam com a vitória dos revoltosos. Com a ajuda da turma de Tónico os rebeldes revolucionários vencem a batalha final e encerram o livro. *Tónico e o Segredo de Estado* é uma obra educativa destinada aos jovens em

formação, propondo diversos questionamentos e reflexões para auxiliar no desenvolvimento crítico do seu público-alvo. Porém, como toda obra artística não está livre de ser interpelada pelo contexto em que foi escrita, facilmente encontramos nas entrelinhas do texto ideais liberais e denúncias veladas ao sistema vigente.

Considerações Finais

Driblar a censura foi uma tarefa árdua aos intelectuais brasileiros da década de 1970, porém, burlar a repressão também foi um aprendizado aos que se arriscaram. Através da música, da literatura, da pintura e de tantas outras formas de expressão muitos artistas, quase sempre adotando o uso de metáforas e outras estratégias, conseguiram transmitir a sua mensagem a uma sociedade coagida pelo olhar repressivo da ditadura.

Nestas ocasiões de regimes autoritários, quando a vida vale pouco e a distância da pátria natal e/ou a dissolução de identidades é uma via de sobrevivência necessária, a palavra denota mais do que nunca a sua função mediadora tanto quando o que prevalece é a ideologia oficial que, na ditadura militar, calou bocas e pensamentos até livres, como quando através dela as pessoas interagem na sociedade para proferir as palavras de resistência e esperança que são os indicadores mais sensíveis de todas as transformações sociais. Fenômeno ideológico que manifesta a consciência interior e a põe em comunicação com o mundo, o discurso, também no texto literário, se torna o veículo das tensões decorrentes do encontro de diferentes posicionamentos sociais expressados via linguagem.

Antonieta Dias de Moraes foi uma escritora brasileira que teve seu sucesso prejudicado pelo regime militar no Brasil. Por muitos anos ficou desconhecida na sua terra natal e, sem dúvida, a sua posição política de esquerda foi decisiva para o sepultamento simbólico que sofreu o seu nome. No campo da literatura poucos foram os artistas engajados que conseguiram publicar seus trabalhos no Brasil, e os que o fizeram precisaram adotar estratégias para driblar a censura da época. Com Antonieta não foi diferente, pois para que pudesse ver seu livro *Tônico e o Segredo de Estado* nas livrarias precisou metaforizar personagens, espaços, situações, ilustrações e mesmo omitir ou adaptar títulos.

O livro *Tonico e o Segredo de Estado* está permeado por temáticas sociais transmitidas por meio do trabalho com uma linguagem bastante singela por meio da qual a autora narra as aventuras de um grupo de crianças durante uma fictícia revolução jamais datada ou nomeada na obra. Tal descaracterização deliberada do espaço e do tempo cria um duplo efeito de universalizar os feitos da turma de Tonico de maneira atemporal e, ao mesmo tempo, de permitir a livre associação do enredo com episódios históricos como *Revolução Esquecida*, a Revolta Paulista de 1924.

Com esse texto espera-se divulgar o valor literário e social da obra de Antonieta, promovendo certa reflexão sobre as condições em que os escritores da década de 1970 foram forçados a produzir suas obras, inclusive aquelas que voltadas ao público infanto-juvenil, considerando como arbitrariamente tiveram que se adequar às regras da censura militar nesse período no qual, paradoxalmente, produziu-se muita cultura, uma cultura com cicatrizes profundas que, ainda hoje, permanecem em grande parte abertas.

Tendo Antonieta Dias de Moraes vivido e escrito neste cenário, suas obras enriquecem o rol dos textos que permitem reconhecer parte da realidade social de então. As vozes sociais do contexto em que *Segredo de Estado* foi escrito eram as carregadas de sentimentos advindos da repressão como medo, insegurança, ansiedade, desassossego, inquietação, revolta entre muitas outras. Não há dúvida que um leitor desatento pode interpretar *Tonico e o Segredo de Estado* como sendo unicamente um texto de literatura infanto-juvenil, no entanto, o leitor engajado reconhece nas entrelinhas o tom de denúncia, a insatisfação e muitas outras marcas que um regime arbitrário inevitavelmente deixa como herança à sociedade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1996.

JAGUARIBE, Hélio. **Brasil: crise e alternativas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

MORAES, Antonieta Dias de. **Segredo de Estado**. São Paulo: Salamandra, 1989.

- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PRADO Jr., Caio. **Evolução política do Brasil**: colônia e império. 19 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PELLEGRINI, Tânia. **Gavetas Vazias** – Ficção e Política nos anos 70. São Carlos, SP: EDUFSCAR; Mercado de Letras, 1996.
- PONZIO, Augusto. **No círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.
- SCHWARTZ, Roberto. O pai de família e outros. In: _____. **Cultura e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- VICENTINO, Claudio. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.